

Vamos Juntas: Compreendendo a possibilidade de sororidade e empoderamento feminino a partir dos sites de redes sociais ¹

Liene Mesquita LIMA²

Raquel RECUERO³

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo

O presente artigo busca compreender, a partir do fluxo de conteúdo presente em sites de redes sociais (ELISSON; BOYD, 2007), as relações de gênero (BEAUVOIR, 1970; BUTLER, 2008) e o feminismo (ALVES; PITANGUY, 1991) nos discursos da mídia. Através da página presente no site de rede social Facebook⁴ intitulada "Vamos Juntas?", movimento que têm por objetivo a aproximação entre mulheres para que se crie um elo de segurança contra o medo de andar na rua, será realizada a análise de uma publicação e suas respectivas interações (curtidas, comentários e compartilhamentos) utilizando da abordagem metodológica da Análise do Discurso Mediado Pelo Computador (HERRING, 2004). Busca-se evidenciar, portanto, a rede social como espaço comunicativo contribuindo para a possibilidade de empoderamento feminino e sororidade entre mulheres.

Palavras-chave: Gênero; Feminismo; Redes sociais; Facebook; Análise do Discurso Mediado por Computador.

Introdução

A capacidade dos sites de redes sociais (ELISSON; BOYD, 2007) em contribuir para a comunicação facilitou a organização de ações coletivas de defesa ou promoção dos interesses que podem ser tanto de preservação de determinada ordem estabelecida na sociedade, quanto de transformação. O feminismo (ALVES; PITANGUY, 1991), por exemplo, movimento social que têm por objetivo promover a igualdade e equidade de gênero, assim, não permitindo que o gênero possa dar legitimidade a opressões e concessão de privilégios, utiliza cada vez mais das redes sociais para que as mulheres possam se organizar e alcançar os objetivos do movimento.

¹ Trabalho apresentado no DT 05 – Rádio, TV e Internet do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante do 5º Semestre do Curso Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa BIC/UCPel, e-mail: lienemesquita@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, UCPel, e-mail: raquel@pontomidia.com.br

⁴ O Facebook é um site de rede social fundado em 2004 com a missão de conectar as pessoas aos seus amigos, familiares e as notícias que estão acontecendo no mundo todo. Disponível em: www.facebook.com

A partir da *fanpage*⁵ "Vamos Juntas?", página que utiliza como palavra de ordem sororidade e tem como objetivo a aproximação entre mulheres para que se crie um elo de segurança contra o medo de andar na rua, irá ser analisado o conteúdo da página que expõe situações de subordinação enfrentadas por mulheres e as interações que são geradas a partir das postagens. Por meio da abordagem metodológica da Análise do Discurso Mediado Pelo Computador (CMDA), proposta por Susan Herring (2004), o presente artigo visa entender como a característica do site de rede social Facebook de público em rede contribui para a reprodução do discurso em questão, portanto, possibilitando interação e, assim, facilitando a comunicabilidade entre às mulheres, promovendo sororidade e empoderamento feminino.

Discurso Mediado por Computador, Redes Sociais e Sites de Redes Sociais

A internet deixou de servir aos indivíduos somente enquanto ferramenta de pesquisa, de trabalho ou de entretenimento e passou a servir como instrumento de comunicação para os mesmos, caracterizando, assim, o advento da Comunicação Mediada por Computador. Susan Herring (2001) entende que a Comunicação Mediada por Computador se apresenta através do discurso mediado por computador, ou melhor, o uso da linguagem em forma de texto⁶ por meio de uma rede de computadores onde, normalmente, o receptor e/ou receptores da mensagem estão em um ambiente diferente do remetente da mesma.

A Comunicação Mediada por Computador adquiri ainda mais importância com o surgimento dos sites de redes sociais (ELLISON; BOYD, 2007), já que fora ampliado a capacidade de conexão entre indivíduos e, assim, ocorreram mudanças de conversação, organização, identidade e mobilização social, fora necessário, por exemplo, uma adaptação para as conversas que antes eram realizadas na vida off-line do ser humano - como o uso de *emojis*⁷ para expressar emoções durante os bate-papos.

Para compreender o conceito de sites de redes sociais (ELISSON; BOYD, 2007) é essencial compreender, primeiramente, as redes sociais. As redes sociais constituem-se através de atores ou nós que, ao interagir socialmente e formar laços sociais, originam conexões: "Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores

⁵ Uma *fanpage* é uma página que constrói seu fluxo de conteúdo específico. Pode ser criada por qualquer usuário cadastrado no Facebook, assim como, além do criador, outros usuários podem acompanhar e interagir com a página.

⁶ No ano de 2015, em entrevista para a Palimpsesto, Revista do Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Susan Herring esclareceu a questão sobre a Comunicação Mediada por Computador incluir elementos não verbais, não se limitando a linguagem verbal em forma de texto, baseado no uso frequente de *memes*, *emojis* e animações em GIF. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto>>.

⁷ Imagens muito populares nas redes sociais, utiliza-se para transmitir a ideia de uma palavra ou frase.

(pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)" (RECUERO, 2009, p. 23). É importante salientar que as redes sociais, essas compreendidas desde o surgimento da humanidade, não se constituem através dos sites de rede social. São os atores sociais que constituem as conexões e, por conseguinte, as redes sociais.

Os sites de rede sociais possuem o caráter de suporte tecnológico, assim, oferecem mecanismos tecnológicos e, se houver apropriação dos mesmos por parte dos usuários, dos atores sociais, é possível que, de fato, constituem-se as redes sociais propriamente ditas. Segundo Ellison e Boyd (2007):

Um site de rede social é uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes 1) possuem perfis de identificação única que consistem em conteúdos produzidos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuário, e/ou dados fornecidos pelo sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e cruzadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado por usuários fornecidos por suas conexões no site. (ELLISON; BOYD, 2007, p. 158)

Além disso, Boyd (2010) compreende o site de rede social como um facilitador para a inserção na vida pública, bem como elucida como os sites de rede sociais estão originando um novo tipo de público, o público em rede, as características do digital que funcionam como ações facilitadoras para a vida pública tornam-se propriedades deste público, são elas: a) persistência, diz respeito a durabilidade dos conteúdos que são publicados on-line; b) replicabilidade, o conteúdo pode ser replicável, até mesmo de forma idêntica ao conteúdo original; c) escalabilidade, constrói visibilidade por meio da difusão de conteúdo que pode ser escalada; d) buscabilidade, ou seja, diz respeito a possibilidade de se encontrar conteúdo, os conteúdos se tornam buscáveis.

Outro conceito relevante para o presente artigo é o conceito de audiências invisíveis (BOYD, 2010), o conteúdo publicado através do site de rede social não possui uma restrição de visualização, mas sim, é possível que o mesmo seja replicado e visualizado por muitos receptores.

Qualquer conteúdo publicado possui ambas as cinco características citadas anteriormente, o que demonstra a complexidade existente nas relações on-line e implica, assim, no impacto que a apropriação do suporte tecnológico dos sites de rede social pode ter no cotidiano das pessoas.

Capital Social

As conexões constituídas através de um site de rede social na internet podem ser qualificadas através do conceito de capital social, conceito este compreendido por diversos autores (PUTMAN, 2006; COLEMAN, 1988; BERTOLINI; BRAVO, 2016; RECUERO, 2009), apresentando certa discordância entre os mesmos.

Segundo Recuero (2009): "O capital social é um dos elementos estudados por diversos autores como um indicativo da conexão entre pares de indivíduos em uma rede social" (RECUERO, 2009, p. 44). A autora compreende o conceito de capital social como um valor que se constitui através das interações entre os atores sociais (RECUERO, 2009, p. 45), ou seja, onde um determinado grupo interage entre si, utilizando de tempo e intensificando seus laços, criando e compartilhando conteúdo e, assim, todos os integrantes podem utilizar do valor atribuído através do capital social, conforme os seus próprios interesses.

Robert Putnam (2006) entende o capital social através da organização social, confiança, normas e sistemas que possam possibilitar a contribuição para ações coordenadas em sociedade. Através dos elementos de reciprocidade e confiança é possível constituir, principalmente, virtude cívica e moralidade. No entanto, para James Coleman (1988), o capital social se apresenta de diferentes formas em sociedade, adquirindo formas distintas na estrutura social. Os atores sociais, para o autor, não detêm capital social, mas sim, as relações, os laços e as conexões.

Paralelo ao conceito de Coleman (1988), os autores Sonia Bertolini e Giangiacomo Bravo (2016), entendem que o capital social se apresenta de diferentes maneiras, além disso, elucidam que para compreender capital social é necessário que se identifique o fim desejado por aquele que o utiliza e a estratégia que foi traçada para alcançar os mesmos. Para esclarecer os diferentes aspectos do capital social em sociedade, os autores dividem o conceito em cinco categorias, são elas: Relacional; Normativo; Cognitivo; Confiança no ambiente social e Institucional. A autora Raquel Recuero (2009), define as cinco categorias:

Essas categorias podem ser compreendidas como os recursos a que os indivíduos têm acesso através da rede e seriam: a) relacional – que compreenderia a soma das relações, laços e trocas que conectam os indivíduos de uma determinada rede; b) normativo – que compreenderia as normas de comportamento de um determinado grupo e os valores deste grupo; c) cognitivo – que compreenderia a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum por um determinado grupo; d) confiança no ambiente social – que compreenderia a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; e)

institucional – que incluiria as instituições formais e informais, que se constituem na estruturação geral dos grupos, onde é possível conhecer as “regras” da interação social, e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto. (RECUERO, 2009, p. 50/51)

Com o uso da internet e a Comunicação Mediada por Computador o indivíduo não sofreu o impacto apenas do off-line para o on-line, isto é, através da necessidade de adaptação para realizar tarefas que antes eram presenciais, como, por exemplo, compras on-line, mas também, o impacto se dá do on-line para o off-line, os sites de rede social estão alterando a forma como as pessoas se relacionam no cotidiano, a produção de valores e significados e, portanto, a constituição de capital social, servindo, até mesmo, para a quebra de preconceitos e estereótipos.

Feminismo, Gênero, Empoderamento e Sororidade

Entre a década de 30 e a década de 40 as mulheres já haviam conquistado algumas de suas reivindicações oriundas do feminismo, movimento social que busca a igualdade e equidade de gênero e alinha-se à todos os movimentos que lutam contra opressões (ALVES; PITANGUY, 1991), como, por exemplo, o direito ao sufrágio feminino, a participação nas instituições escolares e no mercado de trabalho e, ainda, com a ascensão do nazismo e a eclosão de uma nova guerra, valorizava-se ainda mais a participação da mulher no campo de trabalho, já que torna-se necessário liberar mão de obra masculina para participação nas frentes de guerra.

Porém, ao final da guerra, a volta da figura masculina para o mercado de trabalho fez com que houvesse uma mudança nas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação da época, as mulheres voltaram a ser representadas como donas de casa, já que não mais eram necessárias no mercado de trabalho.

Com isso, surge a obra pioneira dos estudos sobre as mulheres, *O Segundo Sexo* (1970), originalmente publicado em 1949, a autora Simone de Beauvoir (1970) questionou a atribuição às mulheres de certos valores e comportamentos sociais de forma biologicamente determinada, "denunciando as raízes culturais da desigualdade sexual" (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 50). A autora enfatizou a desigualdade entre o que é *ser homem* em sociedade e o que é *ser mulher*:

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A

mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAUVOIR, 1970, p. 9)

Beauvoir (1970) não se limitou em questionar o que é *ser mulher*, na verdade, com esse questionamento, a autora trouxe a reflexão sobre o sentido, o valor e o comportamento inerente em *ser mulher* e se o mesmo se dá, simplesmente, por possuir um útero. Gênero, segundo Beauvoir (1970), é uma construção cultural e não está intimamente ligado ao sexo, são categorias distintas, determinado gênero não é decorrente de determinado sexo, ou seja, a categoria *homem* não expressa, necessariamente, o gênero masculino, bem como a *mulher* não expressa, necessariamente, o gênero feminino.

Quatro décadas depois a autora Judith Butler (2008) critica e indaga o sistema de construção de gênero e de identidades: O gênero não pode ser definido somente através de uma construção cultural do sexo, mas sim, a autora entende que na nossa sociedade existe uma "ordem compulsória" que tende à reprodução, ou seja, há uma exigência para que exista coerência entre sexo, gênero e o desejo ou a prática heterossexual.

Butler (2008) argumenta ainda que, o discurso universal e a identidade que é definida para o termo "mulher" ou "mulheres" acaba por se fazer excludente, já que tratar à todas mulheres de forma única não se faz possível, as opressões e discussões acerca de gênero necessitam de recorte de classe e raça, para que as especificidades de todas as mulheres possam ser compreendidas, bem como as diferentes formas como as opressões atingem as mulheres.

As duas autoras (BEAUVOIR, 1970; BUTLER, 2008) divergem sobre o conceito de gênero, porém, ambas criticam e questionam a forma como as mulheres são retratadas na sociedade e, assim, auxiliam na compreensão e construção de sentido para os termos atuais utilizados pelo feminismo.

Simone de Beauvoir (1970), por exemplo, entende uma das formas de opressão como a falsa ideia de fraqueza e a fragilidade dada a mulher através da imposição do homem:

A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte em que possa competir com êle; não pode enfrentar o macho na luta. A essa fraqueza acrescentam-se a instabilidade, a falta de controle e a fragilidade de que falamos: são fatos. Seu domínio sobre o mundo é portanto mais restrito; ela tem menos firmeza e menos perseverança em projetos que é também menos capaz de executar. Isso significa que sua vida individual é menos rica que a do homem. Em verdade, esses fatos não poderiam ser

negados, mas não têm sentido em si. (...) A "fraqueza" só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe, das leis que se impõe. (BEAUVOIR, 1970, p. 53/54)

A partir do momento em que a mulher compreende que a fraqueza, que por tantas vezes é ligada intimamente ao seu sexo, na verdade é instituída pelo homem, há uma maior chance de ocorrer um processo de negação à subordinação que o homem pretende impor na mulher. É possível notar uma semelhança entre essa compreensão de Simone Beauvoir (1970) e o significado de uma palavra bastante utilizada atualmente pelo feminismo, principalmente através dos sites de redes sociais (ELISSON; BOYD, 2007): O empoderamento⁸.

Empoderamento deriva do inglês *empowerment*, é usado para caracterizar o processo em que pessoas historicamente inferiorizadas ou subjugadas entendem as relações de poder existentes e desenvolvem autonomia, faz-se, assim, a maior compreensão das relações sociais existentes, produzindo impacto coletivo. O empoderamento feminino rompe com a barreira da discriminação fruto do machismo, acontece quando uma mulher recria sua identidade, negando a subordinação que sofre pela sociedade.

Outra palavra bastante utilizada principalmente de mulheres para mulheres dentro do feminismo e que vem sendo difundida através dos sites de rede social (ELISSON; BOYD, 2007) é sororidade⁹. Sororidade é a solidariedade mútua entre mulheres que, através de uma união e aliança, buscam o fortalecimento a fim de enfrentar o machismo e as consequências de abuso e violência que o mesmo acarreta.

Sororidade e empoderamento carregam funções que estão fortemente presentes no feminismo atual, ambas as palavras são articuladas em conteúdo de sites de redes sociais (ELISSON, BOYD, 2007), incitando as mulheres que empoderem-se e que, também, empoderem a outras mulheres. Assim como incita-se que as mulheres possam usufruir e praticar a sororidade, ou melhor, unir-se a outras mulheres através de empatia para alcançar objetivos comuns ou o maior objetivo do movimento feminista como um todo: a igualdade e equidade de gêneros.

⁸ Empoderamento deriva do inglês *empowerment*. Segundo Wallerstein (1992), o conceito de *empowerment* define um processo que tem como finalidade a união e participação das pessoas, aumentando o controle, a eficácia política e melhorando a qualidade de vida não só do indivíduo, mas também da sua comunidade. Disponível em: <<http://ajhpcontents.org/doi/abs/10.4278/0890-1171-6.3.197>>.

⁹ A palavra *sororidade* não é um termo científico, mas sim, foi difundida pelo feminismo e principalmente através do meio virtual, criada a partir da palavra fraternidade - laço de parentesco entre irmãos; irmandade - oriunda do latim *frater*, que significa "irmãos" -, *sororidade* também é oriunda do latim *sóror*, que significa "irmãs".

Abordagem Metodológica: Análise de Discurso Mediado por Computador

O presente artigo utilizará, para a realização do estudo de caso, a abordagem metodológica da Análise de Discurso Mediado por Computador (CMDA), proposta pela autora Susan Herring (2004). A abordagem é compreendida como uma das principais utilizadas a fim de compreender os discursos veiculados em redes sociais, por investigar os comportamentos das interações que são realizadas no ambiente on-line.

Para tanto, aplica métodos que são adaptados através do estudo da linguística, utiliza das disciplinas focadas para a compreensão e análise de idioma, comunicação e retórica. A abordagem se estabelece através de quatro domínios ou níveis propostos pela autora, são eles: Estrutura; Sentido; Interação e Comportamento Social (HERRING, 2004).

A própria autora não compreende a Análise de Discurso Mediado por Computador (CMDA) como uma teoria ou método, estabelece a CMDA como uma abordagem metodológica (HERRING, 2004) por se fazer através de uma combinação de métodos para o auxílio na compreensão acerca do discurso on-line.

Estudo de Caso: A possibilidade de sororidade e empoderamento feminino no discurso da fanpage "Vamos Juntas?"

Buscando atingir o objetivo do trabalho, optou-se pelo uso da *fanpage* do movimento "Vamos Juntas?"¹⁰, criada em 30 de julho de 2015, a página conta com 297,134 curtidas¹¹. O conteúdo da *fanpage* veiculada ao Facebook consiste em relatos de mulheres que passaram por situações de riscos produzidas por homens, mas que, a partir da união com outras mulheres, mantiveram-se em segurança. A página busca, assim, incentivar à mulher que procure a companhia de outra mulher para que possam ser evitadas situações de violência.

A escolha da publicação analisada, em específico, se deu em relação a popularidade (número de curtidas, comentários e compartilhamentos) do conteúdo em relação à outras postagens do mês de agosto de 2015. Serão utilizados para a análise os quatro domínios de linguagem propostos por Herring (2004) que compõe a Análise de Discurso Mediado por Computador (CMDA): Estrutura; Sentido; Interação; Comportamento Social.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentovamosjuntas/>>.

¹¹ Número de curtidas compreendido no mês de produção do artigo: fevereiro de 2016.

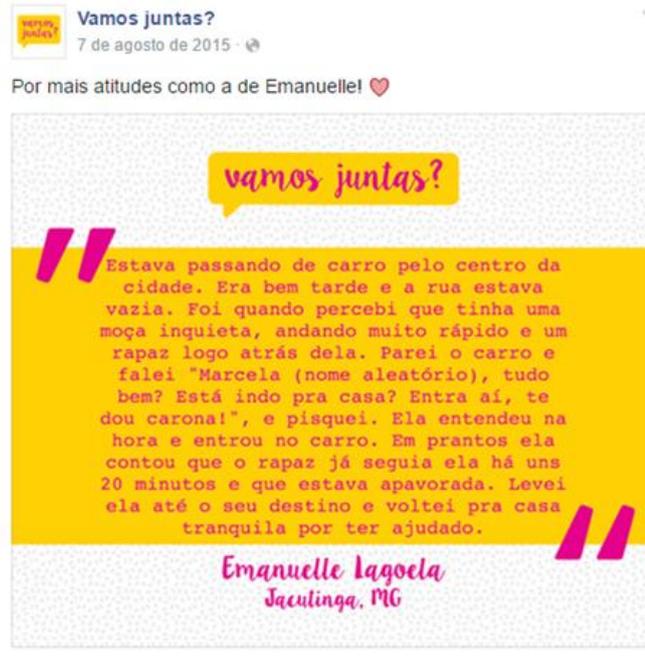


Figura 1 - Publicação veiculada pela *fanpage* "Vamos Juntas?" no dia 7 de agosto de 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/FaYpAk>>.

Publicação	Texto	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos
Publicação 1 (Figura 1)	"Estava passando de carro pelo centro da cidade. Era bem tarde e a rua estava vazia. Foi quando percebi que tinha uma moça inquieta, andando muito rápido e um rapaz logo atrás dela. Parei o carro e falei "Marcela (nome aleatório), tudo bem? Está indo pra casa? Entra aí, te dou carona!", e pisquei. Ela entendeu na hora e entrou no carro. Em prantos ela contou que o rapaz já seguia ela há uns 20 minutos e que estava apavorada. Levei ela até o seu destino e voltei pra casa tranquila por ter ajudado." (Emanuelle Lagoela, Jacutinga, MG)	15.926	306	2.129

Tabela 1 - Dados coletados em fevereiro de 2016 através da publicação (Figura 1) veiculada através da *fanpage* "Vamos Juntas?".

Estrutura: A publicação da página "Vamos Juntas?", veiculada ao site de rede social (ELISSON; BOYD, 2007) Facebook, apresenta e segue o padrão discursivo utilizado pela *fanpage* em suas postagens.

Podemos observar a partir da Figura 1 como o layout utilizado possibilita e transmite a identificação do conteúdo da mensagem com o movimento, já que, através principalmente do elemento da cor, é evidente a semelhança da identidade visual das postagens com a identidade visual da logo utilizada para a *fanpage*. Além disso, a tipografia é bastante clara, o que permite ao receptor maior entendimento e clareza em relação a mensagem.

O logo do movimento aparece logo no início da imagem, em seguida, o relato e o nome de quem relatou a situação que foi vivida, bem como a cidade e região onde mora. O número de compartilhamentos, curtidas e comentários que fazem parte do suporte do Facebook também contam para a produção de sentido gerado através da estrutura das postagens.

O conteúdo, tanto da publicação em questão, quanto do padrão que a página utiliza, baseia-se, principalmente, em depoimentos de mulheres sobre situações de risco de violência, oriundas através da desigualdade cultural, social e sexual do gênero feminino (BEAUVOIR, 1970; BUTLER, 2008), e como, a partir da união entre outras mulheres, tais situações de violência foram evitadas.

Sentido: É importante salientar que a publicação analisada, por seguir o padrão discursivo utilizado pela página, não possui somente sentido discursivo isolado, mas sim, serve para exemplificar a compreensão do sentido do discurso utilizado no contexto da *fanpage* e da sua proposta como um todo.

O discurso expõe o relato, aqui compreendido enquanto uma exposição escrita sobre um acontecimento específico, ou melhor, uma mulher que presenciou uma situação de risco de violência contra outra mulher e, assim, tomou as providências cabíveis para o momento - a possibilidade que encontrou de oferecer uma carona para a outra. O relato expõe, portanto, em um primeiro momento, as opressões e desigualdades que as relações de gênero ainda revelam, sofridas historicamente pelo feminino. Compreendendo este relato como um conteúdo informativo comum para determinado grupo, neste caso, os seguidores da página - em que o público dominante é o feminino -, constitui-se capital social cognitivo (BERTOLINI; BRAVO, 2016), ou seja, soma de conhecimento por determinado grupo.

Tanto a frase que finaliza o relato “(...) levei ela até o seu destino e voltei tranquila por ter ajudado”, quanto o texto que comenta a publicação "Por mais atitudes como a de Emanuelle ³¹²", atuam como legitimadores do relato, fazendo com que o mesmo seja caracterizado e tenha sentido enquanto um discurso incentivador. A falsa ideia de fraqueza e de fragilidade feminina (BEAUVOIR, 1970) é evidenciada quando uma mulher, mesmo em meio à desigualdade social e cultural do gênero feminino, atua a fim de interromper uma situação de risco de violência causada pelo gênero masculino ao gênero feminino.

Interação: Compreendendo o Facebook enquanto suporte tecnológico, podemos estabelecer como interação para as publicações a possibilidade dada ao usuário de curtir, comentar e compartilhar. Os três elementos acabam por interferir, de formas distintas, no sentido de interação e do conteúdo discursivo das postagens. A curtida, por exemplo, acarreta uma carga positiva para o conteúdo da publicação, enquanto o comentário pode atribuir uma carga positiva, negativa ou neutra, dependendo se a crítica legitimar ou não o discurso exposto através da publicação. O compartilhamento, no entanto, varia de acordo com o sentido que a pessoa irá atribuir ao discurso a partir do momento que cumprir o papel de enunciatária do mesmo.

As duas publicações demonstram, através da análise das interações, que há a legitimação do discurso veiculado através da *fanpage*. A carga positiva verificada nos comentários realizados em ambas as publicações, podem ser justificadas por meio dos elogios que são feitos constantemente para o conteúdo discursivo da *fanpage* (Figura 2).

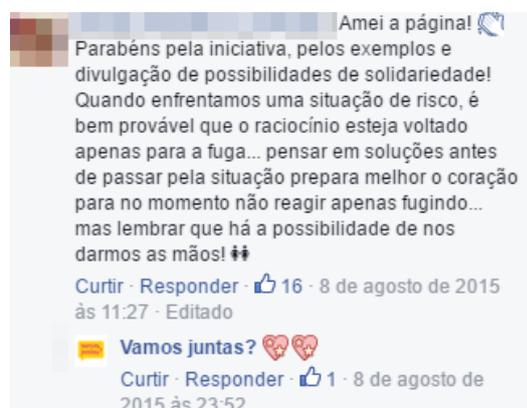


Figura 2 - Comentário da publicação analisada.

¹² Emoticon heart.

Verifica-se, também, a carga positiva em relação ao fato de que muitas outras mulheres acabam por, não só legitimar o discurso, mas sim, criar motivação para expor igualmente relatos de experiências semelhantes vividas por elas (Figura 3). Além disso, o fato de existir interação entre o perfil da página e os seguidores da mesma, constitui capital social relacional (BERTOLINI; BRAVO, 2016), ou seja, possui soma de relações.

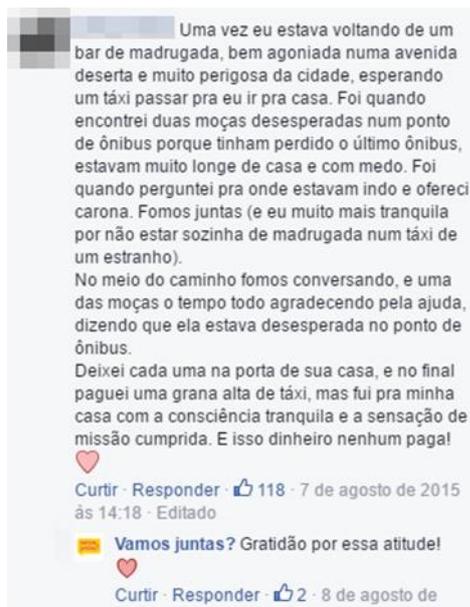


Figura 3 - Comentário da publicação analisada.

A publicação (Figura 1), uma das postagens que mais acarretou interações na *fanpage*, contabiliza 15.926 curtidas, 306 comentários e 2.129 compartilhamentos. Sendo 84% dos comentários possuem carga positiva e os outros 16% são aparentemente neutros. É importante salientar que, entre os 306 comentários realizados para a primeira publicação apenas quatro comentários são de usuários do sexo masculino. Sendo assim, a legitimação do discurso percebida através da aceitação do público em relação ao conteúdo se dá, principalmente, por identificação feminina.

Comportamento Social: A partir dos elementos analisados anteriormente e principalmente com a análise dos comentários é possível observar uma legitimação do sentido discursivo que, tanto o caso isolado analisado, quanto a *fanpage* como um todo, pretende apresentar.

Compreendendo o site de rede social como um facilitador para a inserção na vida pública (BOYD, 2010), as publicações acarretam, ao menos, uma reflexão em relação ao contraponto que define a estrutura do relato, isto é, em um primeiro momento, retrata-se o

poder e a violência exercida pelo homem sobre a mulher, colocando, então, a mulher na posição de subordinada. Em um segundo momento, as mesmas mulheres dominadas e subordinadas, ao entenderem a possível situação de insegurança e subordinação, buscam combater a situação através da união de forças com outras mulheres – o que caracteriza a prática de sororidade.

O elemento de fragilidade (BEAUVOIR, 1970), característica que, constantemente, é atribuída a mulher através do homem a fim de intensificar as relações de opressão entre os gêneros, deixa de fazer sentido no caso analisado – o que caracteriza, além de sororidade, a possibilidade de empoderamento feminino.

A postagem, por ser veiculada no Facebook, a partir de uma *fanpage*, propaga-se de forma ágil e rápida, contribuindo para a ampla legitimação do sentido discursivo.

Considerações Finais

As mudanças de conversação, organização, identidade e mobilização social acarretadas tanto através da Comunicação Mediada por Computador, quanto através do surgimento dos sites de rede social, ambas compreendidas anteriormente neste trabalho, bem como a compreensão do site de rede social como um suporte tecnológico que, possivelmente, os atores sociais que ali estão inseridos utilizarão do mesmo a fim de formar nós e redes sociais que acarretarão diferentes tipos de capital social, demonstram a complexidade existente nas relações sociais inseridas no ambiente on-line. Além disso, através de tal complexidade, estabeleceu-se um novo tipo de público com características específicas, o público em rede, conforme Boyd (2010).

Ao perceber a construção do público em rede e o grande impacto provocado pelo mesmo, através das formas como se estabelecem as relações no cotidiano, da produção de valores, de significados, é possível compreender, também, a existência da possibilidade de uma reconfiguração em relação à forma como o gênero em sociedade é estabelecido, bem como as relações de gênero e os preconceitos e estereótipos que se constroem através destas. O presente artigo buscou observar como o suporte tecnológico do site de rede social está, de alguma forma, servindo através do fluxo de conteúdo e suas características - persistência, replicabilidade, escalabilidade e buscabilidade – para uma mudança em relação à união entre as mulheres em busca por igualdade entre gênero, através de características como empoderamento e sororidade.

Através da Análise de Discurso Mediado por Computador partindo da página "Vamos Juntas?", compreendeu-se a legitimação do sentido discursivo em questão, evidenciou-se, portanto, que a concepção do gênero feminino em sociedade, isto é, os preconceitos e estereótipos que são relacionados a este gênero, estão mudando e tomando um novo significado, agora positivo, a partir, principalmente, do uso do site de rede social e as respectivas características que o mecanismo tecnológico permite.

Referências Bibliográficas

ALVES; PITANGUY, Branca; Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Editora Abril Cultural Brasileira, 1991.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4 ed. São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1970.

BERTOLINI; BRAVO, Sonia; Giangiacomo. **Social Capital, a Multidimensional Concept**. Disponível em:
<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.1952&rep=rep1&type=pdf>>.
Acesso em: 19 de janeiro de 2016.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. **Social network sites: Definition, history, and scholarpiph**. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v.13, n.1, 2007.

BOYD, Danah (2010). **"Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications"**. In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. Routledge, pp. 39-58.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.

COLEMAN, James. **Social Capital in the Creation of Human Capital**. *The American Journal of Sociology*, Vol. 94, Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure (1988), pp. S95-S120. The University of Chicago. Disponível em:
<<http://www.jstor.org/stable/2780243>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2016.

HERRING, S. C. (2001). **Computer-mediated discourse**. In D. Schiffrin, D. Tannen & H. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers.

HERRING, S. C. (2004). **Computer-mediated discourse analysis: An approach to researching online behavior**. In S. A. Barab, R. Kling, & J. H. Gray (Eds.) *Designing for Virtual Communities in the Service of Learning* (pp. 338-376) New York: Cambridge University Press.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia: A experiência da Itália Moderna**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sullina, 2009.

RECUERO, R; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão"**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

"Vamos Juntas?" é o feminismo posto em prática". Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/11/06/vamos-juntas-e-o-feminismo-posto-em-pratica/>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2016.

"Vamos Juntas? Página no Facebook faz mulheres se unirem por mais segurança nas ruas". Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/mulher/fotos/vamos-juntas-pagina-no-facebook-faz-mulheres-se-unirem-por-mais-seguranca-nas-ruas-06082015#!/foto/1>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2016.

VOLCAN, Taiane de Oliveira. **O Humor na Página de Dilma Rousseff no Facebook Durante as Eleições 2014**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3667-1.pdf>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.